

Entrevista com membros da ILUSIONISTAS CORPORAÇÃO ARTÍSTICA

Data: 28/07/1998.

Mediadora: Elaney Acioly.

Expositores: Moisés Neto, Simone Figueiredo, Augusta Ferraz, Gê Domingues, Henrique Amaral, Mísia Coutinho, Vavá Paulino e Vládmir Combres de Sena.

Local: Teatro Arraial, Recife, Rua da Aurora.

Elaney Acioly: Numa noite diferente,¹ temos o prazer de receber uma trupe de artistas também diferentes: a Ilusionistas Corporação Artística. Jovens que não tiveram medo de ousar, enveredando, inclusive, por um mercado teatral bem alternativo. Com a palavra, Moisés Neto.

Moisés Neto: A Ilusionistas Corporação Artística começou sua trajetória em 1982 com a peça *Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim*, texto e direção de Augusta Ferraz, já num espaço alternativo: entre as árvores do pátio externo do Teatro Joaquim Cardozo. Mesmo apostando numa produção feita sem grandes pretensões, a verdade é que sempre investimos em um tipo de teatro que, aqui, ninguém fez ou ainda faz.² Um teatro eminentemente alternativo, uma espécie de vanguarda, que hoje nem é mais. E levamos muito "cacete" por isso, também porque nos achávamos os mais jovens e os mais inteligentes. Sofremos muita discriminação por parte de algumas pessoas desinformadas que nos consideravam ousados demais. Mas era a nossa proposta. Não adianta bancar o certinho porque nunca dá certo e é daí que vem a loucura. Se você é *gauche*, tem que ficar torto mesmo. Estreamos com uma peça voltada para crianças e eu confesso, jamais gostaria de fazer um teatro careta como o que é realizado aqui. Nunca nos interessou produzir uma pecinha com bichinhos de pelúcia ou excessos de poeticidade, todas essas babaquices. Lembro que Marco Camarotti, pesquisador do teatro para a infância e juventude, nos criticou muito porque uma de nossas peças infantis, *A maior bagunça de todos os tempos*, estreada em 1990, com direção de Buarque de Aquino, começava com uma tentativa de assassinato. Era uma adaptação minha de *A Branca de Neve e os sete anões* e a 1ª cena era o empregado da Rainha tentando esfaquear a inocente mocinha na floresta. Pôxa, mas isso é do conto de fadas,

¹ Antes do bate-papo, foram apresentados o documentário em vídeo *Ilusionistas rumo ao 3º Milênio*, com roteiro e direção de Moisés Neto, a performance *Ensaio de Hamlet*, com interpretação e direção de Vavá Paulino, a canção *Manias ocidentais*, com Gê Domingues, e um número de dança do ventre com a Cia. de Dança Tatiana Queiroga.

² "Tem gente que diz que o teatro que a gente tenta é um sonho, uma utopia de transformação disso tudo que está aí e a gente já sabe que não vai levar a lugar nenhum. O sonho não pode parar de rolar: drama, poesia, música, dança, mímica, qualquer que seja a ferramenta do momento, nossa arte estará ali. Palco italiano, caixa de papelão na praça. Crítica sagaz, mutante. O poder da criação. (...) Estamos descobrindo uma nova forma de fazer teatro. Se não conhece nosso teatro, vide a bula. (...) Produção alternativa significa que as quatro paredes da cena são móveis. Queremos derrubá-las. Viva o gozo da liberdade sem fronteiras. Abaixo a burocracia cênica. O prazer de criar nos uniu. Depois de usar velhas teorias temos que buscar novas. Buscar novos caminhos praticando teatro. Pouco se importar com a crítica engajada ou alienada. A literatura da seca não nos atinge. Somos urbanos. (...) Que circo, bar, boate, zoológico, clube, pátio, cidade do interior e o mundo inteiro seja um palco para os Ilusionistas! E que qualquer um possa ser Ilusionista! Difundir a *Filosofia Ilusionista* de fazer teatro. Acreditar que existe algo de mágico entre a vida e a cena. Nutrir-se de erros e acertos no fazer laboratorial. Misturar-se, incorporar várias experiências. Não ter medo de tempestade nem de calmaria. Evoé!". (Cf. "Manifesto Ilusionista". Recife, 1987).

apenas começamos a trama por esta parte! E foi assim que a gente sempre fez, sem, no entanto, afastar o público. As nossas outras produções infantis, *Draculin* e *o circo no espaço*, texto meu, igualmente dirigido por Buarque de Aquino, em 1985, e *Urânia no rastro do Halley*, de 1986, que Augusta Ferraz escreveu e dirigiu, foram peças que ficaram meses em cartaz. Em 1984, tivemos a 1ª experiência de ocupar um palco totalmente alternativo, o bar 3x4, freqüentado por um pessoal mais descolado. *Johnny Glicerina for president* foi o nosso *happening* de estréia, numa concepção minha e de Marco Hanois. Dom Hélder até mandou chamar a polícia porque colocávamos um caixão em frente a Igreja das Fronteiras e, de lá, seguíamos em cortejo para o bar. A partir de 1986 que optamos, de fato, por alternar nosso repertório entre os palcos mais convencionais – teatros como o Santa Isabel, Apolo, Barreto Júnior e Valdemar de Oliveira – e espaços alternativos, que compunham o chamado “circuito das Graças/Boa Vista”, onde a gente vivia. Várias vezes nos apresentamos, por exemplo, na Misty, uma boate que mantinha um certo clima de liberalismo e era freqüentada até por gente careta, afinal, era o melhor lugar para se dançar no Recife nos anos 80 e 90. No Espaço Água de Beber, um restaurante-bar chiquérrimo, o cachê era muito superior ao pago pelos produtores no teatro e, depois de cada apresentação, todos nós da equipe ficávamos na farra até de manhã cedo. Éramos muito notívagos. Quantos amanheceres acompanhamos juntos!

Elaney Acioly: Chegou um momento dessa trajetória que você decidiu parar, não?

Moisés Neto: Em 1991, quando estreei *La cumparsita*, no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, adaptação minha a partir do livro *Sangue de amor correspondido*, de Manuel Puig, li uma crítica muito mal escrita, que nem sequer trazia a ficha técnica corretamente e ainda dizia que Ivonete Melo, uma das atrizes do elenco, estava irreconhecível.³ Bom, como sou muito passional, vi que era melhor “bater em retirada” e passei seis anos afastado do palco. Como não concordávamos com o que começou a ser escrito nos jornais, decidi não mais compactuar com aquele tipo de cena que estavam tentando forjar para o Recife, uma cena falsa, porque queriam que nos nivelássemos pela nata de produção do eixo Rio-São Paulo. O maior problema é que era exigida uma estrutura profissional de se fazer teatro inexistente aqui. Até hoje não tem nenhum ator que sobreviva financeiramente de sua atividade, que tenha, por exemplo, uma carteira de trabalho registrada com qualquer uma dessas produtoras. Ninguém tem. Se hoje o artista recebe cachê, amanhã não. São pessoas que ganham pouco e não têm a mínima estrutura. Fazem trapézio sem rede; se caírem, se esborracham no chão. E mesmo assim nós sobrevivemos. Estávamos chegando a uma fase de quase estabilidade. Isso porque fazíamos teatro em bares e boates, na tentativa de conseguir dinheiro para a produção, já que a ajuda oficial com a qual contávamos para alguns trabalhos, em especial da Fundarpe e Prefeitura do Recife, não era suficiente. Ainda assim, conseguimos compor um repertório que, se não agradou aos pseudo-críticos, presenteou o pessoal da noite recifense com peças de gêneros diversos em lugares como o Espaço Água de Beber, o 3x4, a Boate Araras e a Boate Misty, entre muitos outros *points*, além de cumprirmos temporada em quase todos os teatros oficiais da cidade. Bem, voltei a escrever no ano passado e estamos com uma nova produção para breve, cujo título provisório é *Feliz Natal*.⁴

Augusta Ferraz: Acho interessante explicar que a proposta do grupo nasceu comigo, Moisés e Zuleima Ferraz, que, por acaso, é minha mãe e foi também responsável pela

⁴ Essa peça ganhou o título *Para um amor no Recife*, com texto de Moisés Neto e direção de Carlos Bartolomeu. A estréia aconteceu em 1999, no Teatro Apolo.

criação dos figurinos de boa parte das nossas produções. Mamãe foi professora de História, Geografia e vem de uma família que, se não era constituída de artistas, manteve sempre uma relação com a cultura, lendo bons livros, ouvindo uma boa música. "Os Ilusionistas", como inicialmente se chamava o grupo, teve sua fundação em 1982, como Moisés falou, mais especificamente no dia 12 de julho, data do meu aniversário. O nome, sugerido por mim, foi inspirado na idéia da ilusão, nesse sentido do teatro também ser mágico. Moisés é que, pouco depois, mudou para Ilusionistas Corporação Artística. Fui presidente do grupo e fico super feliz em ver que durante esses anos todos, essa turma ainda está trabalhando. Dá para perceber que as pessoas que permanecem há muito tempo ou estão entrando agora, ainda topam se comprometer com a exposição, não têm medo de exibir a sua personalidade, suas idéias dentro de um mundo tão marqueteiro, tão cheio de mídia e de posturas corretas, diplomáticas, esses absurdos todos do "ter que bancar o certinho". Eu, particularmente, me sinto vaidosa de ter participado dessa equipe, um grupo de artistas extremamente urbanos, sempre revivendo as grandes figuras da história e trazendo à tona o cinismo dessas épocas, desses personagens. Como foi o caso de Cleópatra e Evita, em *Cleópatra, a piada*, que cheguei a dirigir, e *Evita-me à cubana*, que não tive nenhuma participação, duas propostas bem subversivas. Nesse grupo de artistas urbanos encontrava-se de tudo, até travestis em alguns trabalhos, mas, principalmente, estudantes universitários que tinham o direito de ser rebeldes, acreditando que aquilo que faziam, sem querer bancar o diferente, era o que estava certo. Quando me desliguei do grupo, saí radicalmente.

Elaney Acioly: E por que começar com um espetáculo para crianças em apresentações ao ar livre?

Augusta Ferraz: Nossa montagem de estréia foi *Mas... a verdadeira estória de chapeuzinho não foi bem assim*, minha 1ª experiência como autora e diretora teatral. Essa peça ganhou duas versões, com dois elencos diferentes, uma em 1982, outra no ano seguinte. Acho que comecei com uma proposta para crianças porque me considero bem infantil. A vida foi sempre muito lúdica na minha cabeça. E olha que sou do tempo de brincar nos quintais! Em seguida, fiz um adulto, *A noite dos assassinos*, meu 2º trabalho como diretora, montado no Teatro Joaquim Cardozo em parte transformado. O cenário era meu e de Pierson Barreto e a proposta era mexer com o convencional. Eliminamos a platéia, completamos o palco cobrindo todas as cadeiras e ainda pusemos uma arquibancada de ferro para o público, que participava como uma espécie de júri, interferindo no espetáculo. O texto do cubano José Triana, magnífico, põe em cena três irmãos que divagam o tempo todo num jogo imaginário, após assassinarem os próprios pais. Existia também a imagem de uma loba enorme em cena, arquétipo da mãe, de onde os atores saíam para a cena. A montagem, com Moisés Neto, Manoel Constantino e Miriam Juvino, causou um certo burburinho. Em 1985, fui participar de outras produções na cidade, até que, em 1986, surgiu essa possibilidade de fazer teatro em espaços ainda mais alternativos que o Joaquim Cardozo: bares noturnos. Na época, tínhamos também uma necessidade de preparar peças rápidas – geralmente, de meia-hora, no máximo – e ganhar algum dinheiro com aquilo. Lotávamos os bares, levando pessoas que não era freqüentadoras do lugar, que iam para assistir o nosso trabalho. Gente que tinha uma certa rebeldia também, vamos dizer assim. A 1ª experiência que fiz, em temporada, foi *O bolo ou o vazio do céu que esvaziou o mundo*, texto de Moisés Neto, dirigido e interpretado por nós dois no Espaço Água de Beber, localizado na Praça de Casa Forte. Em seguida, veio *Anjo vitimado*, com texto, adaptação e direção minhas, escrito a partir de idéias do livro *Merlim ou a terra deserta*, de Tankred Dorst e de *Assim falou Zarathustra*, de Nietzsche. Eu interpretava uma mulher que, durante a Idade Média, no meio da noite, descia de uma escada com um candelabro enorme – foi Walter Holmes quem o criou

para nós – e começava a contar seus pesadelos. Paulo Barros contracenava comigo como o Anjo Exterminador, ou seja, era como se a minha personagem estivesse no passado ouvindo o futuro. Uma proposta um tanto complicada, apostando numa linguagem surrealista e simbolista ao mesmo tempo. Tudo muito intuitivo, vamos dizer assim, porque, de fato, eu ainda não sabia o que havia por trás de cada idéia. Na prática, o grupo fazia muita pesquisa, eu é que era bastante preguiçosa. Ainda em 1986, escrevi e dirigi *Urânia no rastro do Halley*, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, mostrando às crianças um pouco da mitologia grega e da simbologia mística, tendo como ponto de partida a obra do astrônomo francês, Camille Flammarion. Confesso que, nessa época, eu já lia um pouco mais. A peça conta a história de um menino que sonha e se confronta com mitos gregos, no período da passagem do cometa Halley. No elenco estavam, entre outros, Magdale Alves, no papel de Urânia, Henrique Amaral, como o menino Camille e Vládmir Combre de Sena, vivendo Fobos, o Medo. Moisés Neto era um personagem invisível, Deimos, o Pavor. Somente sua voz aparecia numa gravação. Essa peça foi uma co-produção da Ilusionistas com a Papagaios Produções Artísticas. A experiência mais divertida que vivi no grupo, como já citei, foi *Cleópatra, a piada*, texto de Moisés, com direção minha, apresentada no 1º Festival de Humor promovido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, no Teatro Barreto Júnior, e, depois, em curta temporada no Circo Voador. Era uma versão escrachada da história da rainha do Egito, vista como uma espécie de Dercy Gonçalves com empáfia. Dercy, por sinal, é um dos meus ídolos. A abertura já causava um choque, com Cleópatra – Simone Figueiredo no papel – fazendo sexo com Marco Antônio, interpretado por Vládmir Combre de Sena. Lembro que fiz também esse *happening* que Moisés contou, bem no início da Ilusionistas, *Johnny Glicerina for president*. Ele começava com um cortejo pela rua, em direção ao bar 3x4, que fica em frente a Igreja das Fronteiras. Eu que vinha carregada no caixão de defunto, e quando saía de dentro dele, minha maquiagem era *mefistofélica*. Um barato! Até que chegou um momento que eu não agüentava mais as discussões e as brigas dentro do grupo. Muito porque eu achava que tínhamos que ter uma vertente definida e não uma produção em série. E entreguei tudo. Um tempo depois me convidaram para fazer a Gertrudes, mãe de Hamlet, no musical *Hamlet – um musical pop*. Topei, mas não passei três semanas ensaiando. Era tudo muito místico, com direito a incenso e se falava muito. Não agüentei e disse: "Chega!". Nunca mais voltei à Ilusionistas e vi poucos trabalhos depois.

Gê Domingues: Bem, apareci meio que por acaso nessa turma. Minha experiência começou com o lado plástico das peças, a cenografia e a maquiagem, enveredando por um tipo de estética *over* que até então não havia sido explorada pelo grupo. Tinha um certo exagero no que era feito e, através dessa experiência, pude estar num vídeo de Moisés Neto, *Com o crime nos olhos*, minha estréia como ator. Em clima de humor negro, fiz também a maquiagem e os adereços de *O horror ou Frankenstein em Pasárgada*, com Black Escobar, Henrique Amaral e Maria Paula Costa Rêgo no elenco e assinei ainda a maquiagem e os adereços do infantil *A maior bagunça de todos os tempos*. Como canto desde 1986, Moisés escreveu para mim *Ketchup ópera*, musical contemporâneo apresentado num bar *underground* da Boa Vista chamado O Beco. Nesse trabalho, eu interpretava canções do final dos anos 80, algumas minhas e, também, versões da Janis Joplin. A Ilusionistas ainda produziu um outro show meu, *Tara blue*. Também atuei numa sátira que Moisés escreveu, *Shakespeare acorrentado*, na Boate Misty, unindo a linguagem clássica à vulgar.⁵ A

⁵ "A boate Misty será palco de mais uma performance teatral da autoria do pernambucano Moisés Neto. Trata-se do espetáculo 'Shakespeare Acorrentado', uma fusão dos textos 'Macbeth' e 'Bem Está o Que Bem Acaba', do autor inglês William Shakespeare, dirigido por Henrique Amaral e o próprio Moisés Neto. A apresentação será única: hoje, às 23 horas, na Misty. (...) Transportando Shakespeare para os dias atuais, Moisés construiu um enredo sobre a luta

Ilusionistas foi uma espécie de berço para eu descobrir o que era o teatro e a cena pernambucana daqueles tempos. A música veio a reboque disso tudo.

Simone Figueiredo: Entrei no grupo em 1983, graças a Augusta Ferraz. Eu era estudante de Arquitetura da UFPE e, também, por um acaso, fui parar no teatro quando Pierson Barreto, que estudava comigo, me introduziu nesse mundo. Fizemos, juntos, um trabalho para a universidade e Augusta, que atuava com ele no Teatro dos Estudantes do Centro de Artes – Teca, nos assistiu e acabou me convidando para *Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim*. Estreei já como protagonista, e quando fomos participar do 3º Festival de Teatro do Recife, fui rebelde, resolvi ir para o Congresso Latino-americano de Arquitetura, em São Paulo, e Augusta acabou me substituindo na personagem, apesar do meu esforço de chegar no dia do festival. Comecei assim, revolucionando, anarquista e brincando com o fazer teatral. Depois, dei um tempo porque Arquitetura pesava muito na minha vida. Mas o teatro era o meu caminho natural, e voltei aos palcos através de Moisés Neto, em 1985, com a estréia dele como autor e diretor teatral em *Verdades e mentiras ou o diário secreto de Janis Joplin*. Novamente, Pierson Barreto foi o meu padrinho, me indicando para o espetáculo. Aí, não parei mais e o teatro foi me envolvendo totalmente. Acho que foi paixão à 1ª vista. Moisés foi meu professor no palco, minha formação, quem me estimulou à leitura teatral. Éramos todos muito irreverentes, menos ligados aos padrões e diferentes até na forma da gente se comportar. Acho que, até hoje, a irreverência dos Ilusionistas se faz presente em tudo que desenvolvo, porque nunca me ative à convenção. E não deixo de inovar. Um exemplo disso foi o trabalho que apresentamos no dia 27 de março, Dia Mundial do Teatro e do Circo, em 1992, período em que eu era programadora cultural da Casa da Cultura e consegui fechar uma parceria com Célia Muniz, supervisora daquele espaço, e Rubinho Valença, presidente da Fundarpe. Numa produção da Ilusionistas, reunimos quase 200 artistas numa festiva apresentação-coletânea⁶ de vários textos do teatro em diversas épocas, sob direção de Carlos Carvalho e roteiro de Moisés. Esse caráter do libertário, da busca do novo, mostra que a Ilusionistas Corporação Artística está a toda hora me acompanhando nos projetos que desenvolvo, mesmo à frente de órgão público.

Moisés Neto: Simone foi responsável também pela produção de *Hamlet – um musical pop*, um marco na história da Ilusionistas porque a peça enfrentou uma série de problemas que fugiram do nosso controle. Depois dela, tive que passar quatro meses em Brasília porque criei um verdadeiro pânico do Recife. Foi a nossa produção mais cara, apresentada apenas umas seis vezes no Teatro Valdemar de Oliveira, em 1988, já que a temporada que seria no Teatro de Santa Isabel foi cancelada. A montagem

pelo domínio do tráfico de drogas e dos famosos clubes para ricos no Recife. Neste contexto, um assassino leva os personagens a viverem diversos conflitos, 'num clima – segundo acrescenta Moisés – de riso e sacanagem, onde lágrimas são mescladas com sangue e cocaína'". (Cf. "Performance usa textos de Shakespeare". *Folha de Pernambuco*. Recife, 05 de abril de 1990. Caderno Folha 2. s. p.).

⁶ "Segundo os organizadores uma 'festa autofágica', onde todos viajarão pelo história do teatro, fazendo teatro, inclusive o público. A festa será na Casa da Cultura, nesta sexta-feira. Começa às 19h e só termina quando o último amante do teatro decidir que já comemorou o bastante. Simone Figueiredo, mãe da idéia e coordenadora da festa, diz que '(...) é também um tipo de assembléia festiva. Quem quiser se pronunciar, falar bem, falar mal, levantar idéias para dinamizar o meio teatral no Recife, enfim, contribuir com alguma opinião, vai ter um microfone à disposição e sem censura. (...) A colagem dos textos foi feita a partir de obras de Sófocles, Eurípedes, Sêneca, Gil Vicente, Pirandello, Ariano Suassuna, Shakespeare, Bernard Shaw, Woody Allen, Marguerite Duras e Moisés Neto". (GÓES, Khétuly. "Artistas rendem graças ao teatro". *Diário de Pernambuco*. Recife, 27 de março de 1992. Caderno Viver. p. D1.).

misturava elementos tradicionais com música *pop* contemporânea, utilizando elementos do rock, *hip hop*, MPB, música clássica, *dance music* e, pela 1ª vez no teatro, introduzindo o *sample*. A idéia original seria a de uma trupe de atores no ensaio geral de *Hamlet* mas a peça acabou sendo uma versão mais ou menos livre e musical do próprio clássico shakespeariano. As músicas de Ricardo Valença eram um show à parte. Numa delas, há um trecho que gostaria de lembrar: "Se eu tivesse alguma chance de refazer tudo o que eu fiz de errado, eu talvez errasse mais ou talvez até passasse pro seu lado".

Simone Figueiredo: *Hamlet* – um musical *pop* foi mesmo um divisor de águas na história do grupo. Era um projeto antigo, de uns dois anos ou mais, com cenário baseado no expressionismo alemão. Uma peça realmente caríssima, numa co-produção com a Festim Produções, de Miriam Juvino e João Júnior. Miriam foi quem sugeriu convidarmos Alberto Giecco para dirigir o trabalho, um diretor argentino muito ligado ao cinema que estava morando em São Paulo. Ele acabou trabalhando em parceria com Paulo Falcão. Algumas pessoas da Ilusionistas ficaram de fora porque Alberto quis fazer uma seleção de elenco e, daí, tivemos a participação de atores convidados como Bruno Garcia, Alexandre Alencar e o próprio Paulo Falcão. Durante o processo de ensaios, o diretor propôs vários laboratórios e até exercícios de ioga, algo que tinha muito a ver comigo porque sempre acreditei muito na busca por um equilíbrio através da filosofia oriental. Com o apoio do British Council, FUNDAJ e Secretaria de Educação e Cultura do estado de Pernambuco. Fizemos ainda o projeto Shakespeare para todos, com uma exposição sobre vida e obra do bardo inglês. Além disso, houve exibição de filmes inspirados em suas peças. O material veio especialmente de Londres, com apoio, também, da Empetur, ou seja, tinha um certo glamour... . Geralmente dois ou três componentes do grupo assumiam a produção executiva do espetáculo. Geralmente eu e Moisés, **Adelson Amorim**(fotógrafo) sempre estive conosco e Rivaldo Casado em algumas montagens. Minha visão sempre foi apostar no profissionalismo. Na época do *Hamlet*, com a saída da Festim Produções, envolvida em outro projeto, segui na produção sozinha, mesmo sabendo do enorme peso, segui meu coração e atendi ao pedido dos envolvidos para continuar o projeto e convidei Janice Marques, da Center, pra unir-se a mim. E foi assim. Minha visão foi sempre apostar no profissionalismo. Na época do *Hamlet* talvez eu não tivesse a maturidade necessária, mas tentei dar condições de trabalho a quem estava conosco. Hoje, numa nova produção, acho que a gente tem que acompanhar o mercado, buscando apoio dos órgãos públicos e da iniciativa privada para que esse meu objetivo realmente se torne possível.

Vládmir Combre de Sena: Acho que sou da 2ª geração dos Ilusionistas, ou seja, a turma que entrou a partir de 1985. Eu, particularmente, não vejo tanto unidade no grupo e acho que uma de nossas características foi exatamente essa falta de unidade. Não existia um pensamento único, um discurso a seguir: "Nós somos marginais ou rebeldes ou aquilo outro". Nós éramos e fazíamos. Até, às vezes, sem saber. Houve muito diletantismo também. Foi poético, um momento bonito nas nossas vidas. O que acho uma pena é que o panorama político-cultural da cidade, nos dias de hoje, não seja diferente, não tenha mudado, porque nós mudamos. Esse panorama não permite, como outrora não permitia, que grupos como o nosso se desenvolva e sobreviva do próprio trabalho, pela total falta de apoio. Fazer teatro em Recife sempre foi uma tarefa de Hércules, principalmente pela resistência do empresariado em apostar na produção local. Acho que também por essa razão foi fundada a Ilusionistas, para provar que era possível fazer isso. E fizemos. Agradando ou não.⁷

⁷ "Graças ao idealismo, à capacidade de sonhar e de buscar novas formas de expressão estética e à insistente inquietação dos jovens pernambucanos se recicla, se renova, se sacode e

Vavá Paulino: O 1º contato que tive com a Ilusionistas foi como platéia, e uma das imagens que guardo com muito carinho é da Ana Célia fazendo o espetáculo musical *Um certo Delmiro Gouveia*, no Teatro de Santa Isabel, em 1985. Tinha uma fala que ela dava no espetáculo – “Não vá, Delmiro!” – que me persegue até hoje e acho que vai me acompanhar pelo resto da vida. Para mim, significava o que eu chamei de “new expressionismo pernambucano”, algo que os atores daqui faziam, com uma melodia engraçada no falar e uma impostação de voz bem típica. Eu tinha acabado de chegar em Recife, estava começando meu envolvimento com as artes. Na verdade, já me dedicava ao teatro mas numa cidade muito longe da capital, Floresta, a 450 quilômetros de distância. A galerinha da Ilusionistas conheci em 1983. Acompanhei bastante o trabalho deles, que eu considerava “um pé à frente”, algo artaudiano, como uma loucura saudável. Isso sempre me chamou a atenção. Não gostei de uma ou outra experiência, mas o todo me agradava bastante. Principalmente por perceber uma preocupação com a pesquisa. Essa dedicação ao estudo me fazia gostar ainda mais deles, além dessa ligação com o *pop*, de estar antenado com o que acontecia no 1º Mundo. O 1º contato de trabalho mesmo, foi quando a Ilusionistas fez a produção executiva de *A revolta dos brinquedos*, da Circus Produções Artísticas, em 1989, com José Francisco Filho na direção, uma experiência maravilhosa. Até hoje não tive a oportunidade de experimentar e nem vi acontecer com nenhuma outra produção infantil o que vivemos naquela época, tendo Moisés Neto e Mísia Coutinho à frente da produção. Eles conseguiam lotar o Teatro Apolo, um espaço que sempre sofreu pela rejeição do público. Era casa cheia durante o meio da semana, quando eram vendidos espetáculos para escolas, e também nos sábados e domingos. Ganhei um bom dinheiro. Depois, fiz o meu *debut* como ator da Ilusionistas na comédia *Um tostão para Isabelita*, durante essa grande comemoração do Dia Mundial do Teatro, que Simone já falou. Foi realmente um mega-espetáculo, com vários artistas convidados a trazer seus trabalhos. Minha apresentação aconteceu no centro da Casa da Cultura, uma única vez. Eu vivia a Isabelita, uma atriz decadente que se diz argentina, força um sotaque e é explorada pelo seu empresário, um cafetão interpretado por Buarque de Aquino. O texto, de Moisés Neto, com direção também dele, é bem curtinho, conciso e aborda essa exploração, tanto afetiva quanto financeira. Eu já tinha visto uma versão da peça com Valdi Coutinho e Moisés no elenco, período em que a Ilusionistas vivia realizando *pocket shows* em bares. A cidade prestava por conta disso. Agora, depois de estreitar bem os laços com a maioria do pessoal, estamos com esse trabalho novo, *Feliz Natal*. A minha identificação com essa turma se deu fundamentalmente por perceber isso que Vládi falou. Apesar dele, que estava muito mais dentro da equipe, constatar que não havia uma unidade, para mim, ela poderia não existir a título de verbalização ideológica, um discurso afinado, mas a prática do grupo deixava tudo muito claro: na hora do

se fortalece. Pouco importa se o resultado, quase sempre, não corresponde à fome do tradicional mercado consumista. É bom até que muitas vezes isto nem aconteça. Um sinal de que o trabalho não se enquadra dentro do convencional sabor do modismo. Não fora a audácia dos jovens e a cena não se renovaria. Assim, mesmo quando os jovens produzem espetáculos de qualidade técnica deficitária e de linguagem formal confusa e duvidosa quase sempre estão contribuindo de maneira vigorosa para a renovação dos padrões, dos valores, das intenções e das ações. É dessa participação de gente nova e por esta ótica que desejo anunciar o reaparecimento da Ilusionistas, dentro em breve, com novas produções, sempre tentando se firmar dentro dos meios produtivos locais com atividades lucrativas mas através de espetáculos de qualidade, que buscam o novo, o anticonvencional, o experimental. (COUTINHO, Valdi. “Planos de Ilusionistas”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1989. Caderno Viver/Coluna Artes Cênicas. p. B-4.)

fazer, de se posicionar, todos eram iguais, cheios de atitude. Como eu gosto muito de pessoas de atitudes e tenho várias por segundo, a identificação veio por aí.

Henrique Amaral: Meu trabalho com a Ilusionistas iniciou-se em 1983, na 2ª versão de *Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim*. Fiz a divulgação da peça mas, logo após a estréia, fui demitido porque não gostaram das matérias que saíram. Comecei a experimentar o teatro na Universidade Católica de Pernambuco, quando estudava Jornalismo e me meti a fazer administração de produção no Teatro Universitário Boca Aberta, o Tuba. Na realidade, o palco sempre me chamou mais do que a universidade, tanto que nem terminei o curso. Voltei à Ilusionistas para divulgar *A noite dos assassinos* e, quase no final da temporada, acabei substituindo Carlos Anthony na iluminação. Desde 1979 eu já escrevia para teatro, aprendendo na prática mesmo. No início, vivi uma fase expressionista que, depois, me assustou bastante. Em 1988 é que mudei de estilo e passei a valorizar mais a comédia, já numa fase fora do grupo, quando fundei a Coopera – Cooperativa de Pesquisa da Linguagem Cênica, cujo filosofia era aproveitar os espaços alternativos e com a qual montei espetáculos como *A máscara da assepsia* e *Pai, filho e um espírito tão santinho*. Bom, meu 1º texto a ser encenado na Ilusionistas seria *Sangria*, que começamos a ensaiar no Teatro Joaquim Cardozo, mas a Polícia Federal acabou proibindo-o. Tínhamos ganho um concurso de auxílio-montagem da Fundarpe mas como a peça tratava de lesbianismo e cocaína, a Censura não deixou fazer. Com a proibição, decidimos montar *Punhal*, que eu havia escrito um ano antes. Acho que foi a 1ª vez que Carlos Carvalho saiu da linguagem do teatro convencional para dirigir uma peça totalmente expressionista, numa discussão sobre a eutanásia. O personagem principal, Aurélio, vivido na peça pela atriz Ana Célia, depois substituída por Magda Alencar, era um canceroso que precisava cortar as pernas. Com a ajuda do pai e do melhor amigo, ele participa de um ritual para morrer, sendo, ao final, assassinado pela ex-amante, uma ex-presidiária, papel que era de Moisés Neto, ou seja, um pouco de inversão nas personagens masculinas e femininas. O trabalho foi muito bem recebido pela crítica,⁸ pena que pouca gente viu. Além de escrever e atuar no grupo, fui também secretário, responsável pelas atas e pela divulgação, já que alguém tinha que fazer essa parte. Ainda em 1985, participei como ator de *Verdades e mentiras ou o diário secreto de Janis Joplin*, 1ª peça de Moisés Neto. Em seguida, escrevi, dirigi e produzi *Percepção*, uma montagem extremamente triste, que a crítica não gostou. A estréia aconteceu em 1986, no Teatro do Sesc de Santo Amaro, às segundas e terças-feiras. Quando passamos a ocupar lugares ainda mais alternativos, seguindo uma idéia de Mozart Guerra, gerente de promoções do Espaço Água de Beber, estreei vários textos meus, entre eles, duas comédias dramáticas, *Rival*

⁸ “A trama de ‘Punhal’ é densa, a ação se desenvolve num clima beirando o mórbido, com a morte sendo preparada e rondando o palco da primeira à última cena do espetáculo. ‘Punhal’, decididamente, não diverte, não relaxa, não descontraí. É como se fosse um estilete penetrando profundamente de começo ao fim da peça. Com ‘Punhal’, Henrique Amaral se revela um autor essencialmente urbano, com uma dramaturgia em nada preocupada com a natural digestão do espectador, muito pelo contrário, capaz de provocar alterações mentais inquietantes. Talvez nesta ousadia e nesta coragem de estilo, sobretudo em enveredar por um jogo teatral tão obsessivamente tenso, onde a ação está quase totalmente concentrada no próprio interior do ser humano, resida o conteúdo estético e a linguagem formal de maior expressão no texto de Henrique Amaral. (...) ‘Punhal’ revela um autor cheio de talento e de capacidade para enveredar num campo onde poucos se aventuram; o do âmago do ser humano, com um estilo urbano, ousado e cruel, pois não procura tergiversar sobre temas que já não encontram lugar na fútil sociedade contemporânea, como a morte, a dor, a hipocrisia, a fatalidade – agressões que são tão comumente impostas ao homem”. (COUTINHO, Valdi. “Henrique Amaral com ‘Punhal’ na mão”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 29 de junho de 1985. Caderno Viver/Coluna Teatro. s. p.).

de prata, sob direção de Mozart Guerra, e *Cinza solidão*, dirigida por Carlos Carvalho, peça que eu divulgava como “uma antiinterpretação da vida, escrita em tons de comédia e farsa de abuso”. Nesse mesmo período, já na Boate Misty, atuei em *Faustina*, com texto e direção de Moisés Neto, uma adaptação satírica da obra de Goethe. E vieram várias outras experiências, algumas em co-produção com a Coopera. A comédia de costumes *Brega-chique & camarão*, que escrevi e dirigi, tinha muito senso de humor. Era uma proposta um tanto diferenciada na carreira da Ilusionistas, com uma linguagem bem popular, sobre uma mulher sem cultura que chega do interior de Pernambuco, com o marido publicitário, e vai a um restaurante fino cometendo as maiores mancadas. A estréia aconteceu em março de 1986, no Espaço Água de Beber e toda a trupe da noite foi nos assistir. Três anos depois, atuei em *O horror ou Frankenstein em Pasárgada*, adaptação de Moisés a partir do romance de Mary Shelley, em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges. Estivemos juntos também, como autores e intérpretes, em *Com a víbora no seio*, no Espaço Araras, em Boa Viagem, peça que já tinha ganho uma versão anterior com os atores Heitor Dhalia e Rivaldo Casado no Espaço Canto e Arte. O texto conta a história de um professor de arte dramática e crítico teatral apaixonado por um ator que não quer nada com ele. Todas essas montagens feitas para bares e boates eram, assim, um tanto diferentes. A platéia estranhava um pouco, uns aplaudiam, outros odiavam.⁹ Uma vez, até jogaram pedras de gelo! Em 1989, lembro que escrevi e encenei duas peças cômicas e curtas: *A queda da bastilha*, sobre a Revolução Francesa, apresentada no bar Sanatório Geral, nas Graças, e *Vendo a lua nascer quadrada*, quando Mísia Coutinho experimentou-se, pela 1ª vez, como diretora teatral, vivendo ainda o papel de uma atriz que vai fazer teste para um comercial de TV. Essa montagem foi feita especialmente para o Festival de Humor, no Teatro Apolo. Não conquistamos nenhum prêmio, mas ganhamos a simpatia do público. Em 1990, na Misty, montamos *Shakespeare acorrentado*, que como Augusta citou, contava com um travesti no elenco, Patrícia Hearst e, também, transformistas, como Marquesa, “a 1ª e única”. Já n’O Beco, outra boate da Boa Vista, apresentamos *Ketchup Ópera*, show especialmente escrito por Moisés para Gê Domingues, onde eu também atuava. A jornalista Rosário Barreto além de compositora de algumas das músicas atuou como backing vocal ao lado de Simone.

Elaney Acioly: E o que essas experiências traziam em comum?

Henrique Amaral: Quase todas contavam com uma linguagem diferente do que se estava fazendo no teatro naquele momento, apostando numa relação com o público bem mais direta e contundente. Tudo era dito como se fosse um bofetão, mas sem a

⁹ “A vocação para as coisas do Teatro deste jovem dramaturgo e encenador chamado Henrique Amaral é outra coisa que precisa ser repensada, com uma certa justiça para os seus acertos e uma complacência diante dos seus desacertos. Ele foi um dos ‘teatrais’ que mais mostrou serviço neste ano de 1986. Dizem até que o defeito de Henrique Amaral é dividir-se muito, repartir-se, multiplicar-se, fazer de tudo um pouco ao mesmo tempo, e concordamos com tais críticas. Porém, é impossível deixar de reconhecer que foi ele uma das figuras mais dinâmicas e batalhadoras do movimento teatral recifense nestes 365 passados. Explorou novos espaços, tais como o Água de Beber, o Teatro Joaquim Cardozo, o Espaço Cultural Arteviva, Teatro do Sesc, etc, antecipou as atrações teatrais para os primeiros dias da semana (segundas, terças e quartas-feiras), ousou novos horários, revelou novos talentos (entre os quais Valéria Loreto e Luciana Veloso só para citar dois nomes), enfim, sacudiu totalmente a adormecida aldeia ‘of-espacos-nobres’. Foi bem-sucedido em algumas experiências, fracassou em outras, mas entre saldos positivos e negativos, deixou uma marca e deu sua inestimável contribuição para o movimento teatral pernambucano”. (COUTINHO, Valdi. “Valores que impressionam (I)”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 03 de janeiro de 1987. Caderno Viver/Coluna Artes Cênicas. p. B-8.).

intenção de chocar ou de ser agressivo, e, acredito, muito mais verdadeiro. O legal de termos ocupado tantos espaços noturnos com os nossos *happenings*, é que, até então, o palco desses lugares era somente para atores transformistas. E conseguíamos chamar mais público ainda. Gente que passava a freqüentar a casa porque tínhamos nossos admiradores também. Em 1992 Moisés resolveu dar essa parada que ele já contou, mas estamos pensando em voltar, promovendo logo logo um ciclo de leituras dramáticas.¹⁰

Mísia Coutinho: Bom, quando entrei nesse grupo, descobri que antes mesmo de ser convidada por Moisés Neto, eu já era uma ilusionista. Isso porque sempre fui bastante observadora, como todos da equipe, e claro que o teatro-pesquisa que eles faziam me chamava a atenção. Na verdade, minha 1ª participação foi na captação de recursos para *Percepção*, peça de Henrique Amaral, que ficou em cartaz no Teatro do Sesc de Santo Amaro. Na Boate Misty, produzi e atuei em *Cleópatra*, comédia de Moisés Neto, numa festa intitulada *Uma noite com Cleópatra*, e produzi ainda *Um tostão para Isabelita*, atuando no papel-título, ao lado de Moisés, numa outra festa programada. Fui também atriz do vídeo *Com o crime nos olhos*, com roteiro e direção de Moisés Neto. Esse trabalho foi inspirado em *O bolo*, peça que já tinha sido levada para o palco com Augusta Ferraz em cena. Com Henrique, fiz uma série de peças curtas em bares e boates da cidade. Eram textos encomendados; ele escrevia e dirigia, eu produzia e atuava. Éramos convidados, e pagos, pelos donos desses espaços noturnos, onde funcionávamos também como uma espécie de *promoters*. No Sanatório Geral, por exemplo, bar que funcionava nas Graças, fizemos *A queda da bastilha*, que Henrique já citou, onde eu interpretava a louca da Maria Antonieta. Fui até para o Baile dos Artistas daquele ano vestida como a personagem, devidamente acompanhada por Vládmir Combre de Sena. Sempre fui a mais bandoleira do grupo, trabalhando paralelamente com outras produções, mas sentia que mergulhava mesmo na arte com a Ilusionistas. Um dos maiores desafios que enfrentei – e sempre gostei deles – foi minha 1ª experiência como diretora teatral, com a peça *Vendo a lua nascer quadrada*, de Henrique Amaral. Foi ele quem me induziu: “Topa fazer?”. “Topo”, respondi de cara. Dirigir foi uma experiência boa, fazia tudo de novo. A verdade é que sempre fomos ousados: o mundo estava aos nossos pés. Basta querer, não? Estou na Ilusionistas até hoje e pretendo continuar a produzir muito mais.

Moisés Neto: Mísia co-produziu comigo *O horror ou Frankenstein em Pasárgada*, no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges e atuou também em *Dom Casmurro*, adaptação minha a partir da obra de Machado de Assis. Agora, estamos na produção desse meu mais recente texto, *Feliz Natal*. Bom, lembrando de todos esses trabalhos da Ilusionistas, eu acho que o filme *Fome de viver*, dirigido por Tony Scott, no início dos anos 80, tem muita coisa a ver comigo, Augusta e Zuleima Ferraz – já que fomos o início de tudo, especialmente numa cena em que a Catherine Deneuve e a Susan Sarandon estão numa cama e uma morde a outra, há muito sangue passando para lá e para cá. Foi algo muito bom o que ela e a mãe dela passaram para mim. Brigamos muito, é verdade, e temos que fazer isso mesmo porque no teatro não há ninguém que não tenha brigado com o outro. É realmente difícil conviver no meio da arte, enfrentando a falta de grana, sem contar que trabalhamos com as emoções. Mas Augusta Ferraz e

¹⁰ Em setembro e outubro de 1998, a Ilusionistas Corporação Artística, em parceria com a Coopera, promoveu o *Ciclo de Leituras dos Novos Dramaturgos Pernambucanos*, no Teatro Arraial, com a leitura de *Urânia no rastro do Halley*, de Augusta Ferraz, *A zabumba mágica*, de Albemar Araújo, *Light*, de Henrique Amaral, *Muito pelo contrário*, de João Falcão e *Os dias em Pasárgada*, de Moisés Neto, entre outras obras. Em janeiro de 1999, na Sala Alfredo de Oliveira, foi a vez da 2ª edição do evento, com a leitura dos textos *Sangria* e *Resina*, de Henrique Amaral, *La cumparsita*, de Moisés Neto e *Uma noite nos anos 70 ou indignos blues*, de Carlézio Medeiros.

Zuleima são pessoas que mudaram minha vida para sempre. A verdade é que eu gostaria muito de escrever novamente para Augusta, seria uma honra.

Augusta Ferraz: A Ilusionistas surgiu de uma vontade nossa de entrar nesse mundo da arte, de falarmos e de nos expressarmos. Mas, fundamentalmente, ela sempre teve duas vertentes: a minha e a de Moisés. Eu tinha o meu tipo específico de linguagem, Moisés tinha o dele. Até que houve um momento, em 1988, que percebi que não era mais a minha e me retirei do grupo. Mas é importante registrar que os dois tipos de linguagem, de vivência, funcionavam. Lembra da época do Circo Voador quando a gente montou, em um mês, quatro espetáculos para participar do Festival de Humor do Recife? Foi bem interessante essa experiência, com muita gente envolvida. Tínhamos essa dinâmica de que, quando queríamos concretizar uma idéia, fazíamos mesmo. Em uma semana já existia um espetáculo pronto, sem ter um compromisso muito grande, aliás, quase nenhum, com a mídia ou com os gastos, porque a gente sempre encarou o teatro como exercício da alma e do bolso também. Nunca forjamos ter um dinheiro que não tínhamos, o que é uma característica atual muito grande do Recife. Os produtores culturais recifenses expõem o orçamento de seus projetos no jornal e esses projetos se qualificam pelo preço que valem e não pela representação cultural e artística que têm. Nós sempre fizemos o contrário. Não como uma preocupação, mas como um desejo meio maluco de pôr em prática o que queríamos, sem nos preocuparmos com essas questões tão arraigadas. E todas as pessoas que foram entrando depois de nós três, eu, mamãe e Moisés, inconscientemente também tinham esse desejo na alma, essa vontade de realizar e de fazer. E, fundamentalmente – me perdoem os outros – acho que a Ilusionistas terminou virando a linguagem e a característica do Moisés e, por que não, da Simone, que sempre foi uma pessoa que esteve fomentando junto a ele essa existência do grupo. Esse desejo sempre esteve mais presente neles. Eu caí fora da turma. Os outros que vieram depois, eram cíclicos, chegavam e se despediam com a mesma rapidez. Buarque de Aquino, talvez, tenha sido a presença mais constante depois de mim. O que sei é que esse desejo de se expressar, que originou a Ilusionistas, continua por aí. Tudo porque as pessoas querem vivenciar a questão da arte, da poética, da expressão, da comunicação. Os Ilusionistas tinham e ainda têm essa missão que eu, particularmente, acho muito bonita, que é procurar viver e sobreviver do teatro, mesmo que se utilize os órgãos públicos, porque na maioria das vezes a gente pensa que os órgãos estão nos utilizando, mas nós é que, bem particularmente, estamos utilizando eles para seguir a nossa vontade de levar a arte adiante. Afinal, os órgãos culturais existem para isso, não? O problema é que falta as pessoas delirarem mais, elas estão muito sérias, muito comprometidas, têm que correr bastante, aprender muito e não se dão o direito de saborear o prazer que é fazer arte, para se divertir também. Hoje em dia as pessoas fazem o teatro e a arte com um sofrimento, com uma lamentação. Não há prazer, estão sempre querendo atingir uma coisa onírica, fora do comum, inexistente. E naquilo que é feito cotidianamente falta o prazer, o amor, a loucura, o jogar-se, o atrever-se. A arte é isso. Acho que todos os Ilusionistas, aqueles que participaram de toda a trajetória ou tiveram uma passagem rápida pelo grupo, levaram sempre, com muito prazer, essa opção do “ser artista” adiante, dividindo isso com as outras pessoas e mostrando que é possível viver a arte dessa maneira. E, também, dando o direito a cada um de embarcar nessa história e, quando chegar no seu limite, ter o direito de partir. Cada um com a sua compreensão daquilo, sua doçura, seu nível terapêutico, sua maneira de ser, seu diferencial.

Vládmir Combre de Sena: Queria retomar essa questão da nossa não unidade. Augusta falou que existiam duas vertentes, a dela e a de Moisés, mas é bom ressaltar que também houve a vertente Henrique Amaral e eu comecei um esboço. Encenei dois únicos espetáculos para os Ilusionistas: *Perfume*, adaptação da obra de Ascenso

Ferreira e *O desobumbrar da ambunda*, texto meu, escrito especialmente para o 1º Festival de Humor do Recife. Depois, resolvi sair do grupo e montei peças com outras pessoas que não eram mais Ilusionistas. Assim como Henrique Amaral, que também fez muitas experiências sozinho. Ele tinha o dom da escritura, eu nunca tive, por isso enveredei pela dramaturgia somente uma única vez.

Augusta Ferraz: Quando coloco essa questão das duas vertentes é porque considero Moisés mais urbano que eu. Eu sou muito mais bucólica, agreste, parca sertaneja. Tanto que o nome do meu grupo atual é esse: Parcas Sertanejas. Quando não citei Vládi e Henrique é porque acho que eles são mais urbanos também. Na verdade, Moisés foi a cabeça de um grande polvo com muitos tentáculos *urbânicos*. É nesse sentido que eu falo.

Vládmir Combre de Sena: Uma das características da Ilusionistas é que nós experimentávamos, e nesses experimentos foram testadas várias correntes, de várias vertentes. Até Henrique tentou vários estilos. O próprio Moisés testa vários caminhos dentro da obra dele,¹¹ como você também, Augusta, dentro da sua.

Simone Figueiredo: O comum a tudo isso é a provocação, típica dos Ilusionistas. Ainda bem que experimentei todas essas vertentes dentro do grupo. Comecei com Augusta e, depois, mesmo atuando e produzindo quase todos os textos de Moisés, participei desse único texto produzido, escrito e dirigido por Vládi, *O desobumbrar da ambunda*, contracenando com Paulo Barros, e fui ainda atriz de Henrique Amaral, explorando minha veia cômica em *Brega-chique & camarão*. Ou seja, não dispensei a oportunidade de atuar em experiências com os outros integrantes da Ilusionistas, como também em outras produtoras da cidade, como a Papagaios e a Remo Produções. Mas o que me fez deixar de ser arquiteta e virar atriz foi, realmente, os trabalhos que desenvolvi na Ilusionistas, e tenho o maior orgulho de todos eles. Conhecemos a literatura universal, os autores brasileiros, discutíamos muito teatro. Nada era aleatório. Pesquisávamos, íamos às exposições de arte, cinema, líamos poesia, assistíamos a festivais nacionais, trocávamos figurinha com outros grupos. Temos registro disso tudo em ata. Éramos questionadores porque líamos, e, talvez, o que mais incomodava, era que a gente não concordava com essa crítica jornalística imposta de goela abaixo a todos nós que fazíamos arte. Sim, porque alguém se arvorar a dizer que é crítico teatral sem ter formação crítica, não engolíamos mesmo.

Augusta Ferraz: Confesso que durante a minha permanência na Ilusionistas, a crítica sempre respeitou bastante o trabalho que a gente desenvolvia. E, aqui, quero citar os nomes de Éneas Alvarez e Valdi Coutinho. Eles sempre iam nos assistir, conversavam conosco, valorizavam o que, de fato, a gente queria dizer, sem ser preciso corresponder às suas ansiedades de crítico. Demonstravam um respeito ao indivíduo. Mesmo quando escreviam uma crítica dura sobre determinado espetáculo, não eram cruéis, sádicos e, sim, precisos sobre o que estavam abordando. Não diziam o que nós deveríamos fazer mas sugeriam. Bem diferente do que acontece hoje em dia.

Simone Figueiredo: Com a saída de Enéas e Valdi dos jornais, perdemos em espaço e qualidade.

Augusta Ferraz: Nessa questão da imprensa, o que acho um horror é a idéia que gere o jornal: essa ação de ter que criar notícias diariamente, massacrantes, e chupar o sangue de quem quer que seja. Atualmente, as pessoas que se submetem a isso, deveriam ter um pouco mais de decência e falar do próprio rabo. Porque rabo todos

têm, principalmente crítico, que geralmente está envolvido com a categoria da qual ele destrói e fala mal.

Moisés Neto: Sempre foi muito difícil seguir mas, apesar do *break*, vamos continuar produzindo.

Henrique Amaral: A Ilusionistas foi a soma de talentos jovens tentando renovar a linguagem do que se fazia nos palcos do Recife. Em homenagem a isso, quero ler um trecho muito rápido de um texto que escrevi esse ano, *Duendes de um apocalipse de mentira*.¹² "A idéia é acordar, porém antes tive o cuidado de procurar a minha face no espelho manchado de sangue. Como eu parecia comigo mesmo, como eu era quase o mesmo, quase. A dor tinha me transformado, a loucura havia me seduzido e era nela em que me espelhava, um grande doido no meio da maior doideira desse mundo antropofágico, transformando todos em duendes de um apocalipse de mentira. Cravo em mim um punhal emprestado de um outro texto. Afinal de contas de que me vale um texto, de que me valem as palavras? São deuses brigando entre si e tornando esse mundinho cada dia pior. O mar vai cobrir toda a terra do planeta e a água que está em nossos corpos vai nos inundar. De que me serve estar vivo, desfrutar de três refeições diárias, tomar três duchas, me sentar no aparelho, jogar-me fora com o mundo inteiro que está dentro de mim? De que me servem esses computadores, televisores, refrigeradores, todas essas dores, esse mal-estar contínuo, esse olhar para milhões e milhões de seres impressionantemente iguais a mim? Ouvir som, música, admirar-me em uma porção de imagens em vídeos, em filmes, em fotos, em telas que nunca vão poder me captar verdadeiramente? O homem é uma besta e aceita todas as regras do jogo que lhe são impostas por outros homens, por um passado e por uma história com H maiúsculo que não é sua. A vida de outros homens, a vida do outro, o que pode me interessar? Sou eu quem está comigo, sou eu que carrego essa carcaça de ossos e de carnes putrefatas. Sou eu que rastejo diante de mim mesmo. Não me entendo, não me aceito e não me quero. Se não me perguntassem antes, eu não teria dado a permissão para vir a este mundo. Então, não venham reclamar das minhas faltas, das minhas ausências, das minhas loucuras. Eu não disse que queria estar aqui. E eu não sei se queria estar aqui".

Ilusionistas Corporação Artística – Montagens

1982

Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim

Texto e direção: Augusta Ferraz. Figurinos e administração: Zuleima Ferraz. Cenografia: Augusta Ferraz, Rinaldo, Frederico da Luz Guerreiro e Carlos Anthony. Coreografias: Christiane Moraes Rêgo. Músicas: Reginaldo Santos. Letras: Augusta Ferraz e Reginaldo Santos. Músicos (gravação): Edgar Queiroz, Pierre Novelino, Lúcia Matos e Reginaldo Santos. Maquiagem: o grupo. Programação visual: Rinaldo e Augusta Ferraz. Portaria: Carlos Anthony. Produção executiva: Augusta Ferraz, Pedro Júnior, Frederico da Luz Guerreiro e Rinaldo. Elenco: Edna Rodrigues, Paulo Barros, Pedro Júnior, Jandiram Airam (eventualmente substituída por Augusta Ferraz), Fátima Santa Rosa, Frederico da Luz Guerreiro, Alba Lúcia, Valéria Alencar, Rinaldo, Giselda Garret e Carlos Anthony.

1983

Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim

Texto e direção: Augusta Ferraz. Direção musical: Dinara Pessoa e Augusta Ferraz. Músicas: Reginaldo Santos. Letras: Augusta Ferraz e Reginaldo Santos. Sonoplastia: Dinara Pessoa. Execução de sonoplastia: Carlos Anthony. Coreografia: Fátima Barreto. Cenografia: Augusta Ferraz e Rinaldo. Execução de cenografia: Augusta Ferraz, Carlos

¹² Ainda inédito.

Anthony, Rinaldo e Augusto Neto. Figurinos: Lúcio Flávio Rios e Zuleima Ferraz. Execução de figurino: Irene Maria, Lúcio Flávio Rios e Zuleima Ferraz. Maquiagem: o grupo. Contra-regras: Augusta Ferraz, Carlos Anthony, Henrique Rodrigues e Magda Alencar. Programação visual: Augusta Ferraz, Magda Alencar e Sulamita Ferreira. Administração: Zuleima Ferraz. Produção executiva: Augusta Ferraz e Henrique Rodrigues. Elenco: Ivete Lourenço, Cristina Brayner, Aidil Araújo, Magda Alencar, Simone Figueiredo, Fátima Barreto, Leonardo Alencar, Marco Mendes, Luciene Leitão e Henrique Rodrigues.

1984

A noite dos assassinos

Texto: José Triana. Tradução: Tânia Pacheco. Direção e sonoplastia: Augusta Ferraz. Movimentos e expressão corporal: Bernot Sanches. Plano de luz: Camilo. Execução de iluminação: Carlos Anthony (substituído por Henrique Amaral). Execução de sonoplastia: Augusta Ferraz e Carlos Anthony (substituídos por Sabrina Serpa). Figurinos e administração: Zuleima Ferraz. Cenário: Pierson Barreto e Augusta Ferraz. Execução de cenário: Pierson Barreto e José Luiz Simon. Adereços: Pierson Barreto, Zé Luiz e Zuleima Ferraz. Programação visual: Miriam Juvino e Marco Hanois. Contra-regra: Carlos Anthony. Produção executiva: Augusta Ferraz, Chocolate, Miriam Juvino e Moisés Neto. Elenco: Miriam Juvino, Manoel Constantino e Moisés Neto.

Jonny Glicerina for president

Concepção: Marco Hanois e Moisés Neto. Texto, direção, figurinos, maquiagem e adereços: o grupo. Elenco: Marco Hanois, Augusta Ferraz, Moisés Neto, Henrique Amaral, Ana Cláudia Vasconcelos e Manoel Constantino.

1985

Punhal

Texto: Henrique Amaral. Direção: Carlos Carvalho. Cenário: Mozart Guerra. Figurinos: Geny Bandeira de Souza. Iluminação: Adalberto Wagner. Adereços: Márcia Trajano e Mozart Guerra. Programação visual: Rodolfo Mesquita. Elenco: Ana Célia (substituída por Magda Alencar), Henrique Amaral, Moisés Neto e Pedro Ivo Veloso.

Verdades e mentiras ou o diário secreto de Janis Joplin

Texto e direção: Moisés Neto. Figurinos: Magda Alencar, Moisés Neto e Mozart Guerra. Coreografia: Antônio José (Black Escobar). Sonoplastia: Bruno Ferraz. Iluminação: Mozart Guerra. Administração: Edilson Dutra e Ana Cristina. Produção executiva: Moisés Neto e Adeilson Amorim (Chocolate). Músicos: João Eugênio, Bruno Ferreira, Gabriel Furtado e Lúcio Wanderley. Elenco: Magda Alencar, Henrique Amaral, Pedro Ivo Veloso, Miriam Pimentel, Simone Figueiredo, Black Escobar, Moisés Neto e Paulo Barros.

Draculin e o circo no espaço

Texto: Moisés Neto. Direção, cenário e figurinos: Buarque de Aquino. Direção Musical: Gilberto Maymone. Maquiagem: Henrique Melo. Coreografia: Raimundo Branco. Músicos: Bernardino José, George Aubert, Robson Leite, Bartolomeu Mendonça e Henrique Brito. Participação especial: Palhaço Risadinha (Miriam Pimentel). Elenco: Moisés Neto, Ana Célia, Fernando Tavares, Simone Figueiredo, Raimundo Branco, Adriana Dória Matos, Bonifácio, Jarbas Janu, Ivone Maia, Charles Henri e Fernando Chiapetta Júnior.

Um certo Delmiro Gouveia

Texto, direção e figurinos: Moisés Neto. Desenhos: Gláucio Botelho. Sonoplastia: Ricardo Barros. Trilha Sonora: Emanuel Bandeira de Souza. Iluminação: Gustavo Túlio e

Sulamita Ferreira. Coreografia: Black Escobar. Elenco: Buarque de Aquino, Ana Célia, Simone Figueiredo, Paulo Barros, Pierson Barreto, Jarbas Janu, Miriam Pimentel, Adriana Dória Matos, Fernando Tavares, Mário Gomes, Otávio Cariello Jr., Edilson Simões e Andréa Rezende.

As três falsas do outro mundo

Texto: Moisés Neto e Jarbas Janu. Direção: Moisés Neto. Sonoplastia e iluminação: Everton Tom e Moisés Neto. Elenco: Adriana Dória Matos (eventualmente substituída por Simone Figueiredo), Fernando Tavares, Ana Célia, Jarbas Janu, Edilson Adnil e Mário Aniram. Realização em parceria com Artistas Unidos.

1986

Faustina

Texto: Moisés Neto, inspirado em *Fausto*, de Goethe. Direção, sonoplastia e plano de luz: Moisés Neto. Assistente de direção: Rivaldo Casado. Execução de iluminação e som: Everton Tom e Moisés Neto. Cenário e figurinos: o grupo. Execução de figurinos: Dayse Burgos. Coreografia: José Farias Júnior. Maquiagem: Edilson Adnil e Vládmir Combre de Sena. Produção executiva: Edilson Adnil, Rivaldo Casado, Henrique Amaral, Mário Aniram e Moisés Neto. Elenco: Simone Figueiredo, Vládmir Combre de Sena (substituído por Rivaldo Casado), José Farias Júnior, Henrique Amaral, Mário Aniram e Edilson Adnil. Realização em parceria com Artistas Unidos.

Perfume

Texto: Ascenso Ferreira. Adaptação, direção, interpretação, maquiagem, figurino e sonoplastia: Vládmir Combre de Sena. Operação de som: Mozart Guerra. Operação de luz: Daniela Araújo. Programação visual: Deborah Echeverria.

Brega-chique & camarão

Texto, direção, seleção musical e iluminação: Henrique Amaral. Maquiagem, operação de som e produção: Mozart Guerra. Programação visual: Deborah Echeverria. Elenco: Paulo Barros, Simone Figueiredo, Henrique Amaral e Mozart Guerra (voz em off).

Rival de prata

Texto: Henrique Amaral. Direção, sonoplastia e cenário: Mozart Guerra. Figurinos: Valéria Loreto, Luciana Neves e Mozart Guerra. Iluminação: Valério Baracho e Gleison Baracho (substituídos por André Rosa). Programação visual: Deborah Echeverria. Músicos: Elly Ameling e Dalton Baldwin. Elenco: Luciana Neves e Valéria Loreto. Realização em parceria com o Espaço Água de Beber.

Urânia no rastro do Halley

Texto, direção, letras das músicas e direção de efeitos em estúdio: Augusta Ferraz. Direção musical, músicas e direção de estúdio: Henrique Macêdo. Cenário, bonecos e contra-regra: João Neto. Figurinos: João Neto e Zuleima Ferraz. Maquiagem: Vládmir Combre de Sena e Augusta Ferraz. Coreografia: Paulo Ricardo Paiva e Márcia Virgínia. Plano de luz e execução: Horácio Falcão. Canhão de luz: Augusta Ferraz e Gustavo Túlio. Operação de som: Roberto Carlos. Olho de Urânia: Mozart Guerra. Execução de figurinos e adereços e administração financeira: Zuleima Ferraz. Cenotécnico e marceneiro: Marcos Almeida. Maquinista: João Neto e Wilson. Músicos (gravação): Henrique Macêdo, João Lera, Eliano Macedo, Hubert e Tovinho. Técnicos de gravação: Hubert Frederico Resembauer e Neném. Programação visual e assistência de produção: Vládmir Combre de Sena. Produção executiva: Augusta Ferraz e Henrique Rodrigues. Elenco: Paulo Barros, Henrique Amaral, Vládmir Combre de Sena, Henrique Rodrigues, Fátima Barreto, Gilberto Brito, Magdale Alves, Moisés Neto e

Augusta Ferraz (os dois últimos com voz em off). Realização em parceria com a Papagaios Produções Artísticas.

Prazeres da revolução

Texto e direção: Moisés Neto. Assistente de direção e produção: Rivaldo Casado. Sonoplastia: Ricardo Barros. Figurinos: Mohan. Adereços: Zuleima Ferraz. Bonecos: Buarque de Aquino e Mozart Guerra. Plano de luz: Gustavo Túlio. Execução de iluminação: Luiz Antônio Moraes e Manoel Souza Lima (substituídos por Valério Baracho e André Cavalcanti). Programação Visual: Otávio Cariello. Administração: Mário Castro. Elenco: Simone Figueiredo, Moisés Neto, Andréa Rezende, Fernando Tavares (substituído por Paulo Barros) e Edilson Simões. Realização em parceria com Artistas Unidos.

Evita-me à cubana

Texto: Moisés Neto. Direção e figurinos: Moisés Neto. Elenco: Simone Figueiredo, Fernando Tavares e Renata Echeverria (substituída por Andréa Rezende).

Cinza solidão

Texto: Henrique Amaral. Direção, cenário, figurinos, som, plano de luz e maquiagem: Carlos Carvalho. Execução de iluminação: Mozart Guerra. Elenco: Magda Alencar, Valéria Loreto e Henrique Amaral. Realização em parceria com Artistas Unidos.

Percepção

Texto, direção, seleção musical e operação de som: Henrique Amaral. Efeitos musicais: Paulo Santos. Cenário, grafismo em spray e maquiagem: Mozart Guerra. Marcenaria: Mozart Guerra e Caetano Santos. Figurinos: Lia Menezes, Terezinha e Ibéria Vila Nova. Contra-regra: Kátia Virgínia. Coreografia: Rivaldo Casado. Plano e operação de luz: Horácio Falcão. Programação visual: Rosa Campello. Assistentes de produção: Lia Menezes, Mozart Guerra e Rivaldo Casado. Produção geral: Henrique Amaral e Mísia Coutinho. Elenco: Henrique Amaral, Helena Vila Nova, Rivaldo Casado, Luciana Neves, Roberto Vieira, Arlindo de Aquino e Myriam Pimentel.

Anjo vitimado

Texto baseado em obras de Nietzsche e Tankred Dorst. Adaptação e direção: Augusta Ferraz. Adereços: Walter Holmes. Elenco: Augusta Ferraz e Baulo Barros.

O perfume da navalha

Texto a partir de obras de Manoel Constantino, C. W. Ceram e Robert Brustein. Adaptação e direção: Henrique Amaral. Figurinos: Edilza de Aquino. Seleção musical: Henrique Amaral e Mozart Guerra. Operação de som: Erlanger e Mozart Guerra. Assistência de som e luz: Rogério Robalinho e Lourival Nouzinho. Contra-regra: Lia Menezes. Programação visual: Adeilson Amorim (Chocolate), Roberto Vieira e Henrique Amaral. Maquiagem: Mozart Guerra. Produção executiva, cenário e elenco: Henrique Amaral e Roberto Vieira.

Pós-lavas do Vesúvio

Texto e direção: Henrique Amaral. Som, programação visual e maquiagem: Mozart Guerra. Figurinos: Lia Menezes. Luz: Gleison Baracho, Valério Baracho e André Cavalcanti. Produção executiva: Gilson Carneiro Leão, Antônio e João Monteiro. Elenco: Manoel Constantino, Fábio Caio e Henrique Amaral. Realização em parceria com o Grupo de Teatro Cara Pintada.

Cleópatra

Texto: Moisés Neto. Direção, cenário e sonoplastia: Augusta Ferraz. Figurinos: Zuleima Ferraz. Iluminação: Helânio Farias. Assistente de produção: Rivaldo Casado. Elenco: Simone Figueiredo, Vládmir Combre de Sena, Fátima Barreto, Roberto Vieira, Paulo Barros e Laelson Vitorino.

O desombumbrar da ambunda

Texto e direção: Vládmir Combre de Sena. Elenco: Rivaldo Casado, Simone Figueiredo e Paulo Barros.

O bolo ou o vazio do céu que esvaziou o mundo

Texto: Moisés Neto. Direção, interpretação, plano de luz, sonoplastia, figurinos e adereços: Augusta Ferraz e Moisés Neto. Maquiagem, operação de som e programação visual: Mozart Guerra. Execução de iluminação: Valério Baracho, Glesion Baracho e André Cavalcanti.

1987***Um tostão para Isabelita***

Texto, direção e figurinos: Moisés Neto. Músicas: Moisés Neto e Ricardo Monteiro (Ricardo Valença). Elenco: Simone Figueiredo, Moisés Neto e Black Escobar.

1988***Com a víbora no seio***

Texto: Moisés Neto e Henrique Amaral. Direção: Moisés Neto. Figurinos e adereços: Mozart Guerra. Som e luz: Marinho Moura (substituído por Gilson Magalhães). Elenco: Rivaldo Casado e Heitor Dhalia (posteriormente substituído por Henrique Amaral). Realização em parceria com Como Assim? e Nova Postura Empreendimentos Culturais.

Hamlet – um musical pop

Texto: Moisés Neto e Ricardo Monteiro (Ricardo Valença). Direção: Paulo Falcão e Alberto Giecco. Músicas e direção musical: Ricardo Monteiro (Ricardo Valença). Cenário: Mozart Guerra. Figurinos: Walter Holmes. Elenco: Moisés Neto, Simone Figueiredo, Ana Célia, Paulo Falcão, Paulo Barros, Bruno Garcia, Carlos Mesquita, Cláudia Guerra, Alexandre Alencar e Heitor Dhalia. Realização em parceria com a Festim Produções.

1989***A revolta dos brinquedos***

Texto: Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga. Direção: José Francisco Filho. Cenários e figurinos: Buarque de Aquino. Maquiagem: Gê Domingues. Produção executiva: Moisés Neto e Mísia Coutinho. Elenco: Penha Camarotti (substituída por Kalina de Paula), Buarque de Aquino, Marcus Vinícius, Chico Ribeiro, Vavá Paulino, Clarice Andrade e Madalena Aguiar. Realização em parceria com a Circus Produções Artísticas.

A queda da basilha

Texto, direção e figurinos: Henrique Amaral. Perucas e maquiagem: Gê Domingues. Execução de sonoplastia e iluminação: Helânio Farias. Elenco: Moisés Neto, Mísia Coutinho, Henrique Amaral, Gê Domingues, Jany Stamford, Vládmir Combre de Sena e Rivaldo Casado.

O horror ou Frankenstein em Pasárgada

Texto: Moisés Neto. Direção e cenário: Buarque de Aquino. Adereços e maquiagem: Gê Domingues. Sonoplastia: Gustavo Túlio. Iluminação: Augusto Tiburtius. Produção executiva: Moisés Neto e Mísia Coutinho. Elenco: Henrique Amaral, Black Escobar e Maria Paula Costa Rego.

Cleópatra

Texto e direção: Moisés Neto. Figurinos, adereços e maquiagem: Buarque de Aquino. Execução de maquiagem: Gê Domingues. Elenco: Mísia Coutinho, Luciano Rodrigues, Ludi Kadija, Dayse e Valdeck Lemos.

Um tostão para Isabelita

Texto e direção: Moisés Neto. Músicas: Moisés Neto e Ricardo Monteiro (Ricardo Valença). Figurinos: Buarque de Aquino. Maquiagem: Gê Domingues. Elenco: Valdi Coutinho (substituído por Mísia Coutinho) e Moisés Neto.

Vendo a lua nascer quadrada

Texto: Henrique Amaral. Direção: Mísia Coutinho. Elenco e figurinos: Henrique Amaral e Mísia Coutinho.

Fausto (os deuses da tormenta e os gigantes da terra)

Texto: Fernando Pessoa. Direção: Rivaldo Casado. Execução de sonoplastia e iluminação: Renato Specht. Contra-regra: Beth Specht. Elenco: Edgard Franco de Sá, Henrique Amaral, Íris Pinto e Nilza Lisboa (voz em off).

Olinda, frevo e poesia

Texto e direção: Henrique Amaral. Elenco, figurinos e maquiagem: Henrique Amaral e Rivaldo Casado.

Revivencial

Texto: Moisés Neto, Fernando Tavares e Mário Castro. Direção: Moisés Neto. Elenco: Fernando Tavares, Edilson Adnil, Lee Majors, Luciana Luciene, Ludi Kadija e Mário Gomes.

O que teria acontecido com Bette Davis?

Texto e direção: Moisés Neto. Elenco: Mísia Coutinho, Ludi Kadija, George Alencar, Jailson Martinho e Marco Antônio (Marquesa).

1990**Shakespeare acorrentado**

Texto: Moisés Neto. Direção: Moisés Neto e Henrique Amaral. Maquiagem e cabelos: Gê Domingues e Ricardo Santaclara. Sonoplastia: Gustavo Túlio e Ricardo Barros. Execução de som e iluminação: Everton Azevedo (Tom). Elenco: Marco Antônio (Marquesa), Ludi Kadija, George Alencar, Patrícia Hearst, Lúcio Mário, Gê Domingues, Jailson Martinho e Henrique Amaral.

A maior bagunça de todos os tempos

Texto: Moisés Neto. Direção e figurinos: Buarque de Aquino. Assistência de direção: Beth Marinho. Cenário: Simone Figueiredo. Maquiagem e adereços: Gê Domingues. Elenco: Lucinda Frota, Luciano Rodrigues, Simone Figueiredo, Moisés Neto, Carlos Mesquita e Valdeck Lemos.

Um tostão para Isabelita

Texto e direção: Moisés Neto. Músicas: Moisés Neto e Ricardo Monteiro (Ricardo Valença). Cenário: Gê Domingues. Elenco: Simone Figueiredo e Moisés Neto.

1991

Com a víbora no seio

Texto, direção, figurinos e elenco: Moisés Neto e Henrique Amaral.

Mara Méri, a trágica história de uma atriz desempregada

Texto e direção: Henrique Amaral. Figurinos e maquiagem: o grupo. Elenco: Marco Antônio (Marquesa), Henrique Amaral e Paulo Ricardo Ferreira.

La cumparsita

Texto, direção e figurinos: Moisés Neto. Coreografia: Black Escobar. Maquiagem: Gê Domingues. Elenco: Simone Figueiredo, Ivonete Melo, Jeovane Magalhães e Black Escobar.

1992

Um tostão para Isabelita

Texto e direção: Moisés Neto. Músicas: Moisés Neto e Ricardo Monteiro (Ricardo Valença). Elenco: Vavá Paulino e Buarque de Aquino.

Dom Casmurro

Texto: Machado de Assis. Adaptação, direção e figurinos: Moisés Neto. Elenco: Mísia Coutinho, Valdeck Lemos e o Grupo de Teatro da Fafire.

1998

Dom Casmurro

Texto: Machado de Assis. Adaptação: Moisés Neto. Direção e sonoplastia: Henrique Amaral. Figurinos: o grupo. Maquiagem: Gê Domingues. Elenco: Mísia Coutinho, André Numeriano, Moisés Neto e Henrique Amaral.

1999

Varieté teatral

Textos: Orson Welles (*Cidadão Kane*), Tennessee Williams (*De repente no último verão*) e Henrique Amaral (*A taba da ogira*, *Jaburu do Pólo Pina agradece consolo*, *Fleuma*, *Luxo e Bronca safada*). Adaptação e direção: Henrique Amaral. Elenco: Henrique Amaral, Ivonete Melo e Moisés Neto. Realização em parceria com a Coopera.

Cinema mundial

Textos: Patrick Hamilton (*À meia luz*), Tennessee Williams (*De repente no último verão*), Orson Welles (*Cidadão Kane*) e Nelson Rodrigues (*Boca de Ouro*). Adaptação e direção: Henrique Amaral. Elenco: Henrique Amaral, André Numeriano e Joselma de Freitas. Realização em parceria com a Coopera.

Para um amor no Recife

Texto: Moisés Neto. Direção: Carlos Bartolomeu. Assistência de direção: Vavá Paulino. Figurinos: Andréa Monteiro e Marcelo Taulbert. Cenário: Cláudio Cruz. Cenotécnica: Cristovam Sovagem. Cabelo: Fernando Costa. Design e trilha sonora: Hélder Aragão (DJ Dolores). Iluminação: Alexandre Veloso e Beto Trindade. Administração de produção: Rec Produtores Associados. Produção executiva: Simone Figueiredo e Ivonete Melo. Assistência de produção: Luciene Vilhena. Elenco: Gustavo Falcão, Elaine Kaufmann e Márcio Carneiro.

2002

A ilha do tesouro

Texto: Moisés Neto, adaptado da obra de Robert Louis Stevenson. Direção: Carlos Bartolomeu. Trilha sonora e produção musical: Ricardo Valença. Preparação vocal: Múcio Callou. Coreografia: Maria Paula Costa Rêgo. Figurinos, adereços e maquiagem: Marcondes Lima e Henrique Celibi. Coordenação dos ateliês: Henrique Celibi. Cenário: Cláudio Cruz e Henrique Celibi. Programação visual: Cecília Leite e Valdemir Cruz. Iluminação: Triana Cavalcanti e Beto Trindade. Produção executiva: Simone Figueiredo. Elenco: Gérson Lobo, Ivo Barreto, Bobby Mergulhão, André Ricardo, Eduardo Japiassu, Pascoal Filizola, Anna Polistchuk, Ana Medeiros (substituída por Geisa Barlavento), Ilka Porto, Sandra Rino, Raimundo Branco, Antônio Rodrigues, Valter D'Souza e Bernardo Medeiros. Realização em parceria com a Trupe do Barulho.

* A Ilusionistas produziu ainda o lançamento do romance *A incrível noite dos sentimentais* (1983), de Moisés Neto; o curso *Teatro Contemporâneo em Debate* (1984), com Antônio Cadengue; os shows *Tara blue* (1989) e *Ketchup ópera* (1990), com Gê Domingues; e os vídeos de ficção *Frankenstein de Moisés Neto* (1989), com direção do próprio, e *Com o crime nos olhos* (1992), de Moisés Neto, com direção dele e de Carlos Cordeiro, e *O beijo da serpente ou God part one* (1993), de Henrique Amaral, com direção de Mozart Guerra e Henrique Amaral.